

Via

Poesia de Allan da Rosa

Caligrafia e concepções editoriais: Silvio Liogo
Ilustrações: Silvio Liogo e Marcelo D'Alate
Gratificação dos títulos e capa: Mateus Subverso

São Paulo © Edições Lóris © 2005

A Rosa agradece demais

À Dona Ana: Por tudo, mãe.

Às forças ancestrais, pela amorosa rebeldia nas
quebradas do Tempo.

Às Mestres Baixinho, Marrom e Pinguim. Ao
grupo de Capelira Angola Irmãos Guerreiros, Taboão
da Serra. Pela grandezça da tradição, pelas brincadeiras
da criação.

À Cooperifa, pelas aulas de literatura e comunhão de
toda quarta-feira.

À Analu e ao Elilson: pelo incentivo, pela confiança,
pela ação.

Às filhos Diego e Mateus Subverso, pelo trato e carinho
na conversa com a Poesia, pelo dom da amizade.

Às crianças que virão, por passearem em meus sonhos
de roda.

SE BUSCANDO

tirando laço com o Futuro
como pipas veando nos ventos do Ontem
com as linhas cortantes do Presente





Periferia: vastos tabuleiros podre de peças reluzentes
Peças que desvirtuam, fintam, se rapelam no mesmo time
muguiadas, cagietam, se encolhem na berlinda.
Peças que retrucam, inventam métrica, tiram prumos no muro do abismo
Cozinham a poeira das paredes, se armam com varas e metralhas e cadernos
Peças de luto: que desacatam cuturnos, apavoram biroscas e bacanas, chamam sintomias
Peças empeterçadas, esfarrapadas, escorraçadas
Vida mais quente que o fogão onde se requeenta o meio-dia
Tabuleiros de peça lesada, inerte, micha:
Peças que acenam a bíblia no suco e pastam, sagrada rebanho.
Peças do revide, da intéria, do revestris
Ladinas, formosas, filhas de Abuanda.
Peças porreta, peças tronchas passando carão
Tabuleiros sem estuque sonhando carrão
Falcatrues caçulas: cópias capengas dos conchavos aristocráticos,
Das realises de neon.

Peças encruadas, esbagaçadas, merrentas
que na peixeira trincam a unha dos Gigantes.
Peças de rinha, peraltas, briosas
que nas fendas bolam techas, paliçadas e desastres.
Malícia e ternura semeiam malocas, canções e trambiques
Peças?

Os chororô, da esfola e da guerrilha,
passando por laicos,
um novo jogo.

(Agora tua vez)





Que mãos tropicam porque mãos cirandam, mãos cospem porque mãos enternam.
Quando roucos é pelo chilique que logo mucha.

Os peixes azedos que trazem a covardia fuchiqueira nas vistas.

Os ziquizira na mão. Os patrulha estética na carteira.

Pra vocês, bernes de ferida, canto os cometas

que raíam no peito da nossa disposição.

Chame a euforia e a teimosia, a fé na vida, o ensinô ancestral.

— Não há força que cale os filhos do Oxé.

Que se danem essas hienas, visem de que empapam

com a cera derretida das velas que queimamos.

Nadam num aquário de gestura e lamúrias.

Varnê méis sonhando cachoiras de péra e tecendo hortelãs.

Mastigamos pedras sim, missos lapidamos os dentes pra degustar jaboticabas.

Na sobremera das suas retinas desfrutam de pus, nos lábios finos e mesquinhos.

Paralisados vomitam cabelos de marasme em suas pinimbas,

Alimentam-se das escamas descascadas da própria espécie.

Inutilmente regam por cancores em nossos chãos

Mas além de caminhar e rastejar, também veamos

Além de cambalhetas também traçamos engenharias.

E jogamo bola com nossos guias.





ALPHABETO

Uontade de agasalhar o Sol
pra ver o incêndio nos panes vencidos.
Pinguos flamejantes da lâ sideral.

Uontade de macis carinhos, moçá.
Estreia ladina, serena
na pele dos carvões lisos de tuas costas.

Uontade de ouvir o céu me recebendo simpatias
em cidade nova de mim
em estradeiros.

Uontade da saúde instigante
da elegância traquinas dos freios.
A vida primeira e invencível
na ponta dos pés.

U...

Uontade de labirintos pelas luas da terra
Minhões, eu me úmido
Nas léguas dos chãos de dentro
Uontade de sapear pelas células
e poros do Ori Planeta.

Uontade de lábios nos pescoços
dos rasgos divinos,
Do teu caderno e do vinho.
Da tua erudição e dende.

Uontade da vantagem do saber,
dos detalhes da aula do Mestre.

Uontade de esperança na raiz,
de paisagem nos cílios de criança

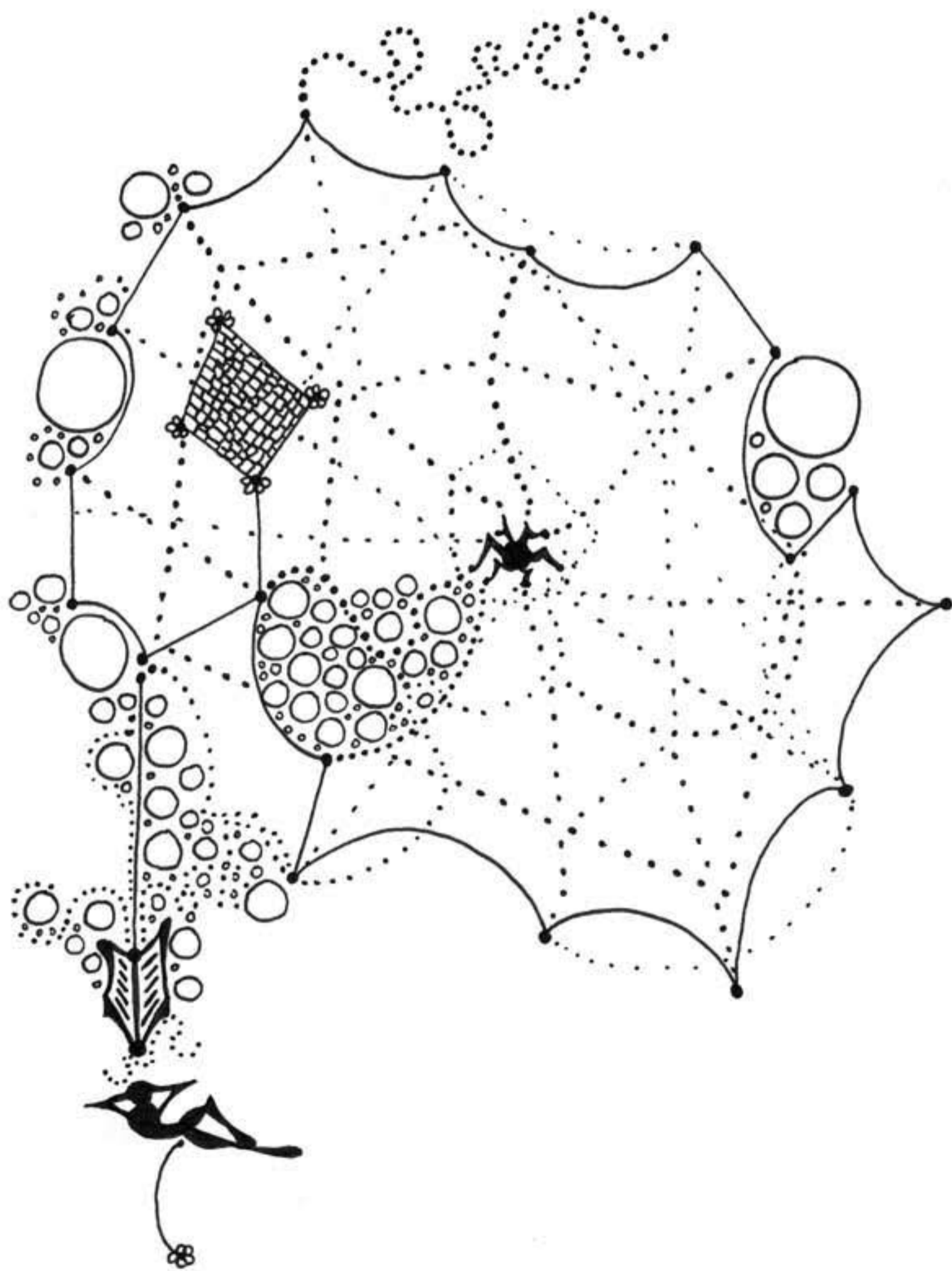
Uontade de improvisos nos pontes dos dedos,
de espalmar a cintura de outras épocas.
Uontade do sublime, no gosto doce do suor
do trabalho por nossos frutos.
Celebrado no cheiro d'alecrim em teus cabelos.



PREFIÇÃO

Uma mulher
Que me incentive a criar
quando sorrir e quando chorar
quando dormir e quando suar.
Que seja o entrelace de escultura e desenho,
balé e candomblé.
Que seja meu partido político, minha televisão,
meu futuro caindo em pétalas.
Com quem faça grandiosos planos
e na hora do vamo ver
me diga que está com preguiça,
piscando e me ganhando.
Que faça minha barba, aceite minhas flores,
meus tremores, minhas colagens
e rasque meus piores poemas.
Que me vire a cara por dois dias
se eu não botar a caneta no caderno que ela me deu.
Que ao ver os homens lindos das ruas,
pouse as mãos entre os olhos e sussurre meu nome.

Que o nome com que batizei meu falso.
Uma mulher sem dinheiro,
para ficarmos ricos por uma semana
juntos, na praia.
Que se aninhe em meu colo,
após me fazer sentar e ouvir o vinil.
Que não use relógio
e que ferra sua vaidade em tabletes.
Que comece a trabalhar cedo e me conte histórias
do centro e do subúrbio.
Que viaje sem mim e que volte com braços enormes
e sorrisos salgados.
Que mora dentro de mim, nos meus quartos distantes,
e que por vezes aflora em meu cheiro.
Que componha ladainhas pro meu berimbau,
movimentos pro meu corpo.
Que me dê paçocas e incensos.
Uma mulher que conceda a graça de ir embora
sem que o ranque das minhas veias entre na Contramão.

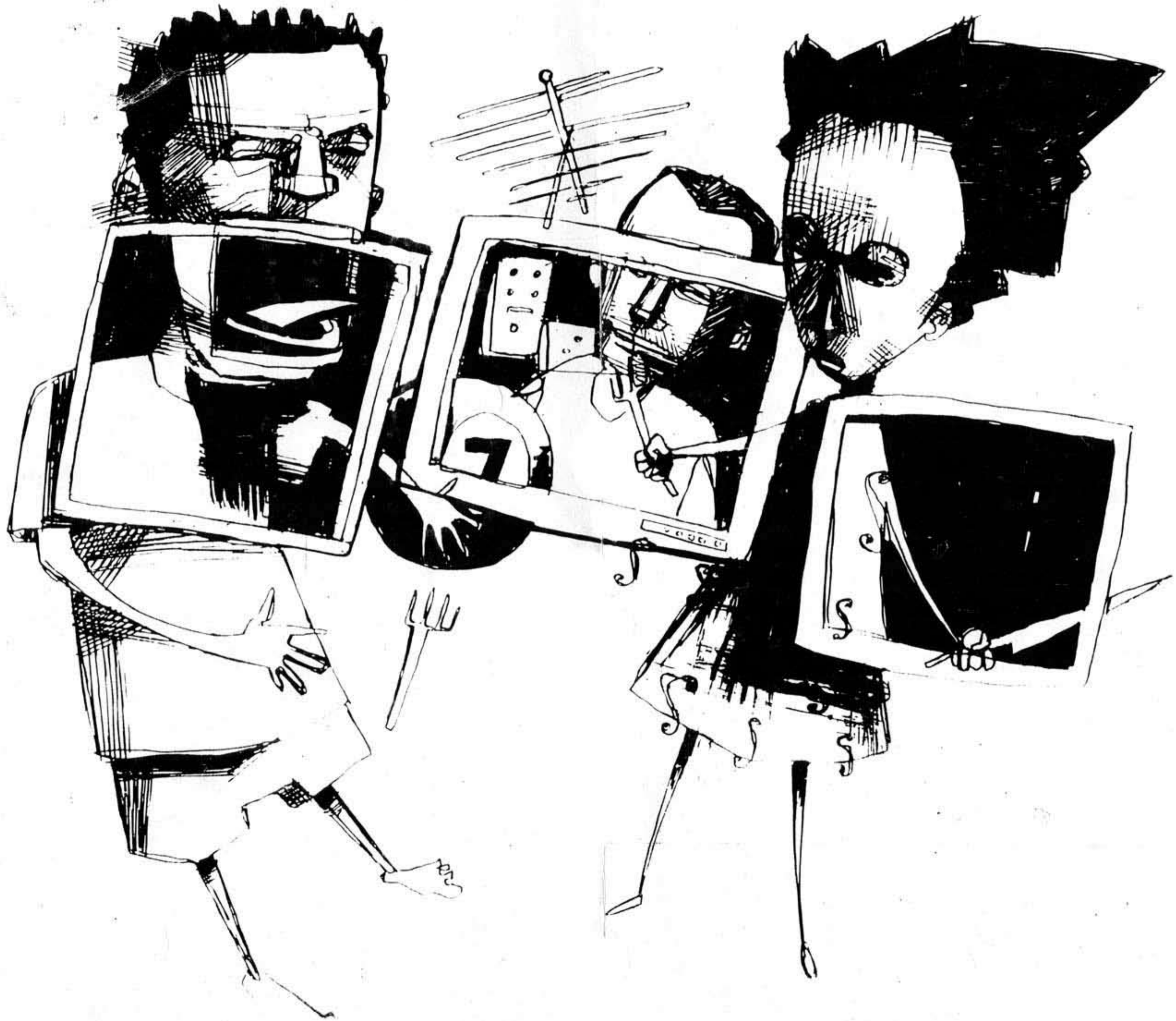


Solitária
A aranha tece
Formando quadrantes geométricos
Deixando seu rastro de seda

Sua teia interessa apenas a si mesma
Aos poucos que optaram se emaranhar
Esses perdidos que não conseguem
Se desprender de suas linhas

- JERVA e CHAMA -

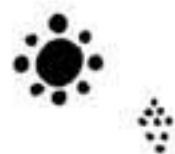




SUGIALE

Todo ousado momento
em que bebo
o vinho dos teus olhos azuis
perpasso nele um silêncio
que ludicamente me diz
brincantes olhos sábios

Já o pólen dos teus lábios
elo da arte matriz
germina em essência
regenera-me a raiz
quando plana, pausa
e negramente me beija



Quem lê meus poemas
Conhece apenas uma ou duas frestas
da minha poesia
Tentativas, felizes ou miadas,
De apreender o vermelho dos momentos
Não conhece meus fantasmas
meu sal
meu colchão
Não trocou idéia com o Kil,
Com o Diego, com o Amarelinho
Mãos que deixaram cedo demais o rolê
Não viu a madrugada do Vietnam
a rua do Céu
Não conheceu o barraco da Bitá

&...

(Quem visitasse minha poesia
cometeria um erro
abdicando das próprias páginas
dos próprios passos

Quem lê meus poemas
Não foi visitar o pai na penitência
Não viu a mãe chorar de dor

Quem lê meus poemas
Não conhece minha ginga
meu amor
minha larica
Nem o meu mais nojento

Quem seque minhas linhas
Se depara
a penas
Com sangue coagulado.

